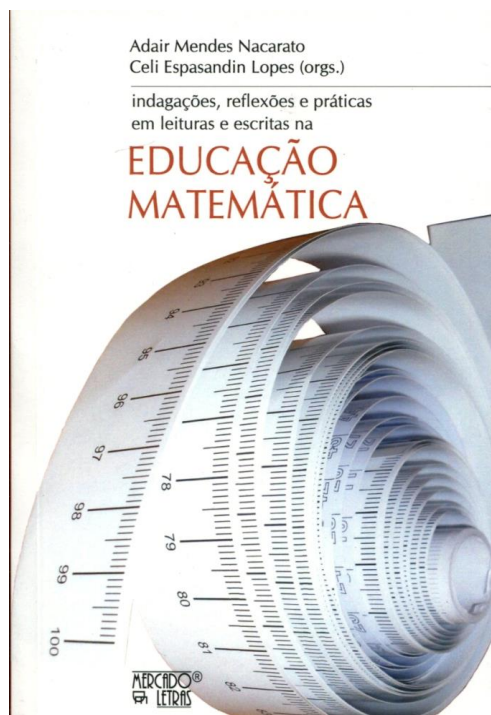


Resenha¹



NACARATO, A. M.; LOPES, C. E.(orgs.). **Indagações, reflexões e práticas em leituras e escritas na educação matemática**. Campinas: Mercado de Letras, 2013. 304 p.

Por **Paulo Soares Batista**

Professor na Escola Estadual Professor Letro, Antônio Dias, MG (psoaresbatista@hotmail.com)

O livro consiste em uma coletânea de 12 textos organizados por Adair Mendes Nacarato e Celi Espasandin Lopes, reunindo subsídios teóricos e práticos relativos às interfaces entre a educação matemática e as práticas em leituras e escritas, perpassando a escola básica e o ensino superior.

No prefácio da obra, a Dra. Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca posiciona-se quanto ao aspecto ousado da coletânea no âmbito da educação matemática. Segundo ela, os educadores envolvidos nesse trabalho assumem uma postura social que concorre para a compreensão e a transformação das relações preponderantes na sociedade.

No capítulo 1, intitulado “*O uso da língua nas diferentes áreas do currículo escolar*”, a autora Cristiane Maria Megid apresenta o caráter polissêmico de problemas matemáticos, aproximando sentidos percebidos a relações históricas e ideológicas. Megid introduz e explora ainda o conceito de *repetição histórica*² no anseio de traçar novas associações para a representação do *repetir* nos contextos educativos.

¹ Boletim Gepem (Online) ISSN: 2176-2988 | n. 64 – Jan./Jun. 2014 (texto em diagramação).

² Classificação proposta por Orlandi (1999) e que se distancia dos ideais de repetição empírica e formal, pois contempla o anseio de que as práticas educacionais possibilitem aprendizagens e conexões significativas.

Ciente da importância da educação infantil como etapa formativa, o texto de Regina Célia Grando trata do processo de comunicação matemática nesse nível de ensino. A autora defende que a partir dos registros matemáticos diversos produzidos pelas crianças e das narrativas produzidas pelo professor alfabetizador podem resultar, respectivamente, um mapeamento estratégico das habilidades dos educandos e uma *fonte* para aprimoramento pessoal e profissional de educadores.

O capítulo 3, escrito por Cidinéia da Costa Luvison, contém extratos de uma pesquisa desenvolvida por ela com alunos do 5º ano do ensino fundamental. Os dados e situações desse estudo revelam que as experiências de leitura e escrita conectadas à resolução de problemas podem evocar a integração espontânea entre a língua materna e a linguagem dos números.

O trabalho com gêneros textuais nas aulas de matemática é enfatizado por Lia Marques Marocci e Adair Mendes Nacarato no quarto capítulo. As escritoras discorrem detalhadamente a respeito das especificidades do gênero debate. A partir dos excertos de um estudo realizado por Marocci, elas descrevem episódios ocorridos em uma classe de 1º ano do ensino médio, na qual se instaura o genuíno *ambiente de aprendizagem*³, em que ideias probabilísticas circulam pela exploração de telejornais e debates.

O capítulo 5, denominado “*Leitura e escrita na aprendizagem matemática através da resolução de problemas*”, tem por autores Norma Suely Gomes Allevato e Reginaldo Botelho Ferreira. De posse dos protocolos de uma pesquisa pautada no método *ensino-aprendizagem-avaliação*⁴ de Matemática, desenvolvida pelo segundo autor, Allevato e Ferreira apreciam situações vivenciadas com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Evidenciam a mobilização de saberes, a reescrita de enunciados, o debate e o aprimoramento da linguagem matemática de estudantes jovens e adultos que, ao proporem problemas, acabam por traduzir suas expectativas pessoais em estimulantes desafios.

As noções de letramento são estendidas ao campo digital no sexto capítulo. Martha Regina Egéa Kleine e Celi Espasandin Lopes se valem de um estudo realizado por elas com alunos do ensino médio para mostrar que os objetos de aprendizagem podem se tornar instrumentos propulsores da aprendizagem matemática na medida em que os jovens passam a redigir observações sobre atividades com os recursos tecnológicos.

³ Concebido por Alro e Skovsmose (2006) como o ambiente da comunicação de ideias matemáticas onde alunos e professores participam de intensos debates e os docentes adotam uma postura bem menos vertical.

⁴ Palavra composta definida por Allevato e Onuchic (2009) e caracterizadora da opção metodológica que valoriza a simultaneidade da tríade elementar (ensino-aprendizagem-avaliação) na construção cooperativa do conhecimento.

No sétimo capítulo, Arthur B. Powell considera mister que os educadores matemáticos atentem para a desafiadora missão de colaborar com o aluno no processo de perceber a si próprio e à matemática. Powell, após o desenrolar de atividades com o *Virtual Math Teams with Geogebra* – VMT ou VMTwG –, sinaliza que o ambiente não só favorece a interação entre estudantes, mas também a reelaboração de discursos matemáticos e a aquisição de novas estratégias e conceitos por eles.

Nas páginas do oitavo capítulo, surge mais um episódio na EJA. Adriana Aparecida Molina Gomes, Dario Fiorentini e Dione Lucchesi de Carvalho discutem uma proposta nada convencional de resolução de problemas advinda de um recorte da tese de doutorado de Gomes e que tem como tema motivador uma fábula. Os autores explanam sobre o intercâmbio protagonizado por duas turmas de EJA que, ao envolverem-se na produção e resolução conjunta de problemas matemáticos a partir da fábula, reinventam suas impressões a cada conflito cognitivo.

No capítulo 9, “*A leitura e a escrita na formação de professores*” entra em cena. Maria Auxiliadora Bueno Andrade Megid destaca a formação inicial de professores que ensinarão matemática nos anos iniciais do ensino fundamental, ressaltando a validade das narrativas autobiográficas na Licenciatura em Pedagogia. A escritora reflete sobre como o formador de professores pode direcionar o seu trabalho com as narrativas. Entende que os relatos e escritos do futuro alfabetizador sobre as experiências pessoais com a matemática podem ser projetados numa perspectiva reflexiva e transformadora, colaborando para a circulação de conhecimentos indispensáveis ao exercício eficaz da docência no cenário da alfabetização matemática.

A intenção de Carmem Lúcia Brancaglion Passos ao escrever o décimo capítulo também é, assim como Megid, percorrer as *trilhas* de formação matemática dos estudantes de Pedagogia, porém o *trajeto* explorado é a sala de aula virtual de um curso na modalidade a distância (EAD). Nesse intento, a própria autora acompanha e participa com tutores e alunos do curso de debates acerca da resolução de problemas por crianças. Passos defende que o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) propicia discussões singulares entre os pares, o repensar crítico dos alunos diante de novos comentários postados ou mesmo da refutação de suas ideias pelo grupo.

No penúltimo capítulo, Maria Tereza Menezes Freitas destaca a sua experiência com graduandos da Licenciatura em Matemática ao participarem de atividades complementares às disciplinas presenciais de Estágio Supervisionado no AVA. A autora, a partir das interações entre/com alunos em fóruns e diários de bordo temáticos, mostra que os primeiros contatos

com a docência podem ser problematizados de forma bem mais espontânea no ambiente virtual do que no presencial, recomendando o uso dessas plataformas no processo de formação e desenvolvimento profissional de neodocentes.

No capítulo final da coletânea, Filipe Santos Fernandes e Antônio Vicente Marafioti Garnica discorrem sobre narrativas via metáfora cartográfica e História Oral em Educação Matemática. Expressam os propósitos da utilização das narrativas da formação de professores de matemática em tempos e espaços diversos e os possíveis reflexos destas como mecanismos formativos.

O livro em análise torna-se uma leitura obrigatória a graduandos e docentes de matemática e também aos formadores de professores que atuarão com os conteúdos matemáticos nos diversos níveis de ensino. Acreditamos que as ricas interfaces entre as práticas de ensino de matemática e as derivadas de leituras e escritas conduzirão o leitor a múltiplas descobertas. Afinal, ler, escrever e refletir é preciso e faz sentido a todas as áreas do conhecimento.

Referências

- ALLEVATO, N. S. G. e ONUCHIC, L. R. (2009). “Ensinando matemática na sala de aula através da resolução de problemas”, in: **Boletim GEPEM**, nº 55. Rio de Janeiro, pp. 1-19. <http://www.ufrj.br/SEER/index.php/gepem/article/view/54/87>.
- ALRO, H. e SKOVSMOSE, O. (2006[2010]). **Diálogo e aprendizagem em Educação Matemática**. 2 ed. Tradução de Orlando Figueiredo. Belo Horizonte: Autêntica.
- ORLANDI, E. P. (1999). **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes.

Recebido em janeiro de 2014
Aprovado em março de 2014